

A INFLUÊNCIA DA TRADUÇÃO NO SENTIDO DO TEXTO BÍBLICO

Uma análise de 1Cor 13,1-7

Ademir Rubini

Resumo

Abordaremos, neste artigo, alguns desafios relacionados à tradução da Bíblia. Deparamo-nos, hoje, com uma infinidade de traduções da Sagrada Escritura, realizadas em praticamente todas as línguas. É possível traduzir um texto bíblico, mantendo seu sentido original? Veremos, brevemente, os contextos que provocaram as primeiras traduções e as dificuldades para adequar o texto bíblico original dentro de outras línguas e culturas, sobretudo em nossas línguas modernas. Uma tradução pode ser literal ou dentro do princípio da equivalência dinâmica. Ambas têm o mesmo objetivo, mas adotam métodos diferentes. A crítica textual, com o auxílio das ciências modernas, pode ser instrumento para se chegar mais próximo do texto original. Com um recorte do hino do amor, analisamos brevemente a tradução de alguns termos e expressões, objetivando perceber que toda tradução, até mesmo a literal, não deixa de ser uma interpretação.

Palavras-chave: *Bíblia. Tradução. Língua. Método histórico-crítico. Versões.*

Abstract

We shall cover, in this article, some challenges related to the translation of the Bible. Today, we come across with a plethora of translations from the sacred Scripture, carried out in virtually all languages. Is it possible to translate a Bible text, keeping its original meaning? We shall see briefly the contexts that caused the first translations and the difficulties to adapt the original biblical text in other languages and cultures, especially in our modern languages. A translation can be literal or under the principle of dynamic equivalence. Both have the same goal, but adopt different methods. The textual criticism, with the help of modern science, can be an instrument to get closer to the original text. With a cutout

of a love hymn, we review briefly the translation of some terms and expressions, in order to realize that each translation, even if literal, is nonetheless an interpretation.

Keywords: *Bible. Translation. Language. Historical-critical method. Versions.*

Quando lemos um texto bíblico, normalmente estamos diante de uma tradução, realizada ou não, a partir das línguas originais. Hoje, temos a Bíblia traduzida em praticamente todos os idiomas. Isso é muito bom, porque favorece a acessibilidade ao texto bíblico. No entanto, diversos problemas se apresentam, e podem dificultar ou impedir a compreensão do sentido original que o autor bíblico intencionava transmitir.

Os idiomas originais da Bíblia, como qualquer outro idioma, possuem expressões próprias, muitas vezes simbólicas, que dificultam a tradução para outra língua. Por trás de cada idioma há uma cultura determinada, uma lógica de compreender o mundo, a vida, Deus... A tradução literal de um termo bíblico nem sempre tem o mesmo sentido em outro idioma. Traduzir, por exemplo, o termo hebraico *sedakah* por justiça, nem sempre tem o mesmo sentido do termo grego *dikaiosyne*, que também é traduzido por justiça. Um texto é mais bem compreendido quando for lido na língua original. “Cada versão desfigura necessariamente as características individuais da obra. Não há dois idiomas que se correspondam tão perfeitamente que se torne possível transportar palavra por palavra para a outra língua”¹.

Além disso, a Bíblia não é um texto qualquer. É tida inspirada por Deus e reconhecida como Sagrada Escritura. Nela está a Palavra de Deus, embora transcrita em palavras humanas. Mexer no texto bíblico é algo muito sério. Traduzi-lo para outra língua equivale a mexer em algo sagrado, com o risco de deturpar ou empobrecer seu sentido. É possível fazer isso? Quem tem autoridade para tal? Que critérios e cuidados são necessários?

As línguas bíblicas originais

As duas principais línguas bíblicas são o hebraico (Antigo Testamento) e o grego (Novo Testamento). Além disso há pequenos trechos de livros do Antigo Testamento escritos em aramaico (Esd 4,7–6,18; 7,12-26; Dn 2,4–7,28; Jr 10,11; Gn 31,47). Isso devido, sobretudo, ao contexto do exílio babilônico, que proporcionou a muitos judeus o contato com a língua aramaica. O aramaico foi se tornando cada vez mais comum entre os judeus, não somente na Babilônia, onde

1. SCHARBERT, Josef. *Introdução à Sagrada Escritura*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 133.

muitos permaneceram, mas também na Palestina. No tempo de Jesus, o aramaico era mais popular do que o próprio hebraico. “Depois do exílio babilônico o aramaico tornou-se o idioma comum dos judeus, também na Palestina. [...] No tempo de Jesus os judeus palestinos serviam-se normalmente do aramaico”². A popularização do aramaico entre os judeus, a ponto de muitos não entenderem mais o hebraico, tornou necessária a tradução do hebraico para o aramaico. “O ‘Targum’ era uma versão aramaica do Antigo Testamento usada antes de e durante a época de Jesus – uma versão bastante expandida e parafraseada do original hebraico”³. A tradução oral, realizada durante a liturgia na sinagoga, aos poucos foi sendo colocada por escrito pelos rabinos⁴.

Com a expansão do Império Grego, a partir da conquista de Alexandre Magno, no final do séc. IV aC, a língua grega passou a ser o idioma predominante. Muitos judeus da diáspora foram se familiarizando com o grego e as novas gerações que já não compreendiam o hebraico. Daí surgiu a necessidade de realizar a primeira grande tradução da Bíblia, do hebraico para o grego, que chamamos de Septuaginta⁵.

Disso podem surgir, pelo menos, duas dificuldades. Primeiramente, o desafio de traduzir fielmente a Bíblia Hebraica para o grego, como foi o caso da Septuaginta, e, em segundo lugar, o desafio de transmitir a experiência da fé cristã, que teve sua origem na tradição judaica, na Palestina, para outra cultura, a grega. O Novo Testamento, embora tenha sido escrito em grego, com influência do helenismo, teve como pano de fundo a tradição hebraica, com as principais crenças do povo de Israel⁶.

2. SCHARBERT, 1980, p. 136. O hebraico era conservado e praticado, praticamente, só nas escolas rabínicas, como objeto de estudo e pesquisa. Era usado também como texto oficial na liturgia judaica. Porém, com a diminuição do conhecimento da língua hebraica pelo povo, exigiu a tradução dos textos bíblicos, lidos na sinagoga, para o aramaico, normalmente, feita de forma oral pelo leitor da comunidade.

3. NORONHA, Lailah de (trad.). *Manual Bíblico SBB*. 2. ed. revisada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 74.

4. BROWN, Raymond E.; JOHNSON, D.W.; O’CONNELL, Kevin G. Textos e Versões. In: BROWN, Raymond Edward; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland Edmund. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Academia Cristã, Paulus, 2011, p. 1028.

5. A origem da Septuaginta é permeada de aspectos lendários, sobretudo, presentes na Carta de Aristeias, do séc. II aC. Essa carta menciona o pedido do rei Ptolomeu II Filadelfo (285-246) a Eleazar, sumo sacerdote de Jerusalém, para enviar 72 tradutores, seis de cada tribo, para traduzir o Antigo Testamento para o grego, que em 72 dias completaram a obra. “Na realidade, porém, a tradução começou a ser feita pelo ano 250 aC com o Pentateuco; até 130 aC já existem versões dos restantes protocanônicos, seguiram os deutero-canônicos, e pelo ano 100 aC a Bíblia completa existe em grego”, da tradução dos Setenta, ou pelo termo latino Septuaginta, abreviada pelo número LXX.

6. É comum a presença de semitismos nos textos bíblicos escritos em grego, como a expressão “filho do homem” (Mc 8,31; Ap 1,13; cf. Dn 7,13) ou vocábulos, como “satanás” (Mc 1,13; cf. Jó 1,6).

O hebraico e o grego são idiomas com lógicas diferentes. “O hebraico é um idioma criado com base na experiência com o mundo (não com a reflexão) e fala dele. Por isso, predomina a ação, expressa pelo verbo e não pelo substantivo”⁷. Além disso, o tempo verbal no hebraico é deduzido pelo contexto. A identidade de Deus, por exemplo, não se expressa através de conceitos ontológicos abstratos, mas através de suas ações. Pelo fato de não pensar abstratamente, este idioma faz uso de muitas metáforas, símbolos, relacionando com o mundo sensível.

Enquanto o hebraico se liga muito mais às ações concretas, o grego privilegia a abstração. “O grego inclina-se menos ao relato do que a discursos e frases profundas; gosta do idioma, cultiva-o e deleita-se nele, à diferença do hebreu. Para o grego, o idioma é arte; para o hebreu é instrumento”⁸. Precisamos considerar que estes aspectos, sobretudo da mentalidade grega, influenciaram tanto a tradução da Bíblia Hebraica para o grego quanto a formação do Novo Testamento.

A distância de sentido pode ficar ainda maior quando se traduz um texto a partir de uma tradução. Este foi o caso da Vulgata, adotada durante muitos séculos pela Igreja Católica como texto oficial para a liturgia. Depois do Concílio Vaticano II (1962-1965), a Igreja Católica publicou a “Nova Vulgata”, que amiúde corrige o texto de Jerônimo, procurando, com base nas pesquisas recentes, maior aproximação aos originais hebraicos e gregos⁹.

Tradução para as línguas vernáculas

Quando passamos para as traduções em nossas línguas vernáculas, o desafio é ainda maior. Toda tradução é, de certa maneira, uma interpretação. Quem traduz não está isento de se deixar influenciar por seus preconceitos, sejam eles filosóficos, teológicos, doutrinários e outros possíveis. Isso é inevitável. No entanto, é possível encontrar mecanismos que não comprometam a intenção do autor. Para isso, é de fundamental importância que o tradutor conheça, não apenas o idioma em si¹⁰, mas também os contextos socioculturais do tempo em que o texto foi escrito. “O tradutor deve esforçar-se por entender o pensamento expresso pelo autor em seu idioma para poder reproduzi-lo em outro idioma, quer dizer, deve

7. ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 140.

8. ARENS, 2007, p. 141.

9. KONINGS, Johan. *A Bíblia, sua origem e sua leitura: introdução ao estudo da Bíblia*. 7. ed. atualizada. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 19. A Nova Vulgata, bastante diferente da Vulgata de Jerônimo, é o texto oficial da Igreja Católica hoje.

10. Traduzir um termo literalmente nem sempre dá o verdadeiro sentido que o autor quis transmitir, sobretudo, quando esse termo for compreendido a partir de outra cultura. Por exemplo, o vocábulo hebraico *nepheš*, normalmente, traduzido por alma, tem o sentido de garganta ou a própria vida (Sl 42,2; 63,2). Seria um equívoco compreendê-lo como alma em termos gregos.

estar familiarizado com a teologia e com as situações vitais do autor, entre outras considerações”¹¹. Se isso ainda não garante uma tradução plenamente fiel ao texto original, pelo menos possibilita chegar mais próximo desse ideal.

É consenso, entre os tradutores bíblicos, que o objetivo de uma tradução é comunicar o significado original. No entanto, as opiniões divergem na forma como isso acontece. Há aqueles que preferem empregar uma forma linguística paralela ao texto original, evitando qualquer forma de interpretação ou acréscimos elucidativos. Esse tipo de tradução é conhecido como tradução literal. Procura sempre respeitar as características originais do texto. “Se os tradutores focalizam ou privilegiam a língua original (ou língua-fonte), produzem uma versão literal (ou palavra por palavra) em que o texto da tradução se orienta pela maneira como a língua-fonte organiza palavras e sentenças”¹². A tradução literal apresenta alguns valores, como: ajuda a familiarizar-se com os termos originais, permitindo ao leitor visualizar como o texto original foi estruturado, e auxilia a perceber que toda tradução não deixa de ser uma interpretação. Porém, dificulta apresentar uma boa gramática do texto traduzido, além de dificultar, às vezes, a compreensão do sentido do texto¹³.

Por outro lado, há outros que são da ideia de que o original é mais bem traduzido quando se apresenta na forma natural da língua receptora, podendo ou não apresentar-se paralelamente à forma do original. Esta forma de tradução tem como princípio básico a equivalência dinâmica. “[...] a tradução pelo princípio da equivalência dinâmica tem por objetivo tornar o texto mais compreensível ao leitor ou ouvinte dentro de sua língua e das estruturas que lhe são próprias”¹⁴. Esse tipo de tradução tem como foco a língua-alvo, tornando uma leitura mais fácil, mas não literalmente exata. “No ponto extremo desta abordagem se encontram as paráfrases, que são uma reformulação bastante livre do original na língua-alvo, geralmente como uso de formulações surpreendentes ou interessantes”¹⁵.

Uma tradução, baseada na equivalência dinâmica, pode favorecer a compreensão popular. Porém, é preciso ter muito cuidado para não empobrecer o texto bíblico.

O problema é que a simplificação linguística empobrece a tradução, não deixa transparecer a estrutura e o colorido da língua original, esconde particularidades significativas, como a forma poética, os jogos de palavras, as

11. ARENS, 2007, p. 149.

12. NORONHA, 2010, p. 76.

13. WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulus, 2007, p. 29.

14. WEGNER, 2007, p. 32.

15. NORONHA, 2010, p. 76.

figuras e metáforas, os efeitos retóricos do texto original etc. As traduções simplificadas correm o risco de querer ensinar o “conteúdo” separado de sua expressão literária original, abrindo estrada para o dogmatismo¹⁶.

A intenção de tornar uma tradução mais popular, mediante o uso de termos mais precisos, de acordo com as culturas atuais, pode levar ao fechamento diante da riqueza semântica do texto bíblico. Tendo, porém, os devidos cuidados, as duas formas de tradução, tanto a literal como a que segue o princípio da equivalência dinâmica, podem ser válidas, dependendo do tipo de uso que se fizer delas, sobretudo, dos destinatários. Por exemplo, se estão voltadas para pesquisadores ou objetivam a compreensão popular numa liturgia.

Considerando a grande quantidade de traduções que existem atualmente e que continuam aumentando, podemos classificá-las basicamente em três tipos: As traduções que se centram no texto como tal, procurando ser estritamente fiéis à letra original. É uma tradução literal, que pode ser utilizada, principalmente, para a pesquisa. Um segundo tipo são as que têm como foco principal o leitor do texto, com a preocupação voltada para a mensagem do texto. É uma tradução popular. Em terceiro lugar, as traduções que procuram contemplar tanto a fidelidade ao texto como a construção de uma linguagem acessível ao leitor¹⁷.

A contribuição da crítica textual

Com o passar do tempo, os textos originais foram se perdendo. O que temos acesso são cópias e cópias de cópias, que no decorrer da transmissão foram sofrendo algumas mudanças, muitas vezes sem a intenção dos copistas ou até mesmo na tentativa de tornar mais clara uma frase aparentemente enigmática. “Pode-se produzir uma cópia defeituosa ao omitir involuntariamente uma palavra, uma linha ou até uma frase; ou ao confundir uma palavra com outra semelhante, seja por má leitura, seja por má audição (quando era ditada) ou por distração”¹⁸. Felizmente, a metodologia da crítica textual possibilita atingir o maior grau possível de probabilidade de resgate do texto original.

O método histórico-crítico norteia a teologia e a ciência bíblica com princípios profundamente racionais. Influenciado pelo Iluminismo, investiga as condições históricas que geraram o texto bíblico, bem como lida com as fontes his-

16. KONINGS, 2011, p. 23.

17. ARENS, 2007, p. 154-155.

18. ARENS, 2007, p. 145.

tóricas e as diversas etapas de sua formação. Além disso, esse método aprofunda o sentido literal do texto, sendo crítico à interpretação alegórica, interpretando a Bíblia unicamente a partir de si própria¹⁹. Embora haja o perigo do academicismo, valorizando somente o que é racional, ou mesmo do historicismo, considerando o texto meramente do passado, o método histórico-crítico é um importante instrumento que impede a manipulação do sentido original de um texto em favor de interesses subjetivos ou posições ideológicas.

Princípios de discernimento do texto original

Entre os princípios científicos da crítica textual, que oferecem maior plausibilidade de encontrar as palavras, expressões ou frases originais, no confronto entre os manuscritos e as variantes, podem-se destacar:

- Preferir a variante mais difícil. A tendência do copista é facilitar a compreensão do texto;
- Preferir a variante mais curta. Na intenção de deixar mais claro o texto, o copista pode ter acrescentado explicações;
- Uma variante é tanto mais verdadeira quanto mais é comprovada o defeito de outra variante;
- Eliminar as variantes tendenciosas ou que tendem a corrigir o texto;
- São suspeitas as variantes que procuram harmonizar os textos paralelos;
- As variantes de um manuscrito com defeitos são duvidosas;
- Deve ser preferida a variante que mais se repete entre os textos de igual valor²⁰.

1Cor 13,1-7 – análise de algumas versões

Levando em conta os elementos acima, passaremos a analisar brevemente alguns termos que aparecem em 1Cor 13,1-7. Tomaremos algumas versões em português, visualizando, sobretudo, os vocábulos portugueses utilizados para traduzir o original grego. Nosso objetivo é perceber as semelhanças e diferenças entre as versões bíblicas e como isso interfere na compreensão do texto bíblico original.

19. WEGNER, 2007, p. 17-18.

20. SCHARBERT, 1980, p. 164.

VERSÃO	JERUSALÉM	TEB*	NTLH**	PEREGRINO	ALMEIDA
v. 1	Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como um bronze que soa ou como um címbalo que tine.	Mesmo que eu fale em línguas, a dos homens e a dos anjos, se me falta o amor, sou um metal que ressoa, um címbalo retumbante.	Eu poderia falar todas as línguas que são faladas na terra e até no céu, mas, se não tivesse amor, as minhas palavras seriam como o som de um gongo ou como o barulho de um sino.	Ainda que eu fale todas as línguas humanas e angélicas, se não tenho amor, sou um metal estridente e um címbalo que tine.	Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine.
v. 2	Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, ainda que tivesse toda a fê, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse a caridade, eu nada seria.	Mesmo que eu tenha o dom da profecia, o saber de todos os mistérios e de todo o conhecimento, mesmo que tenha a fê mais total, a que transporta montanhas, se me falta o amor, nada sou.	Poderia ter o dom de anunciar mensagens de Deus, ter todo o conhecimento, entender todos os segredos e ter tanta fê, que até poderia tirar as montanhas do seu lugar, mas, se não tivesse amor, eu não seria nada.	Ainda que eu possua o dom de profecia e conheça todos os mistérios e a ciência inteira, ainda que tenha uma fê capaz de mover montanhas, se não tenho amor, não sou nada.	Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fê, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei.
v. 3	Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria.	Mesmo que distribua todos os meus bens aos famintos, mesmo que entregue o meu corpo às chamas, se me falta o amor, nada lucro com isso.	Poderia dar tudo o que tenho e até mesmo entregar o meu corpo para ser queimado, mas, se eu não tivesse amor, isso não me adiantaria nada.	Ainda que eu reparta todos os meus bens e entregue meu corpo às chamas, se não tenho amor, de nada me serve.	E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará.

v. 4	A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho.	O amor tem paciência, o amor é serviçal, não é ciumento, não se pavoneia, não se incha de orgulho,	Quem ama é paciente e bondoso. Quem ama não é ciumento, nem orgulhoso nem vaidoso.	O amor é paciente, é amável; o amor não é invejoso nem fanfarrão, não é orgulhoso	O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece,
v. 5	Nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor.	nada faz de inconveniente, não procura o próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor,	Quem ama não é grosseiro nem egoísta; não fica irritado, nem guarda mágoas.	nem faz coisas inconvenientes, não procura o próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor,	não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal;
v. 6	Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade.	não se regozija com a injustiça, mas encontra a sua alegria na verdade.	Quem ama não fica alegre quando alguém faz uma coisa errada, mas se alegra quando alguém faz o que é certo.	não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade.	não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade;
v. 7	Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.	Ele tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.	Quem ama nunca desiste, porém suporta tudo com fé, esperança e paciência.	Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.	tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

*Tradução Ecumênica da Bíblia; **Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

O termo grego *agápe* aparece nove vezes em 1Cor 13 e é central no hino que Paulo apresenta. Todas as versões apresentadas acima o traduzem por *amor*, menos a de Jerusalém, que prefere o termo *caridade*. Temos *eros* e *philia* como outros termos gregos correspondentes ao *agápe*. Paulo prefere o termo *agápe*. “Não canta o amor conjugal, como no Cântico dos Cânticos, nem o amor de companheiros que Davi cantou (2Sm 1,19-27), nem outros amores humanos, ainda que nobilíssimos. Canta o amor que o Espírito de Deus e de Cristo infunde no cristão”²¹. Se adotarmos o ponto de vista da literalidade, certamente a tradução mais adequada

21. ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Bíblia do peregrino*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006, p. 2759.

será *amor*. Porém, se seguirmos o princípio da equivalência dinâmica, a tradução por *caridade* parece expressar mais concretamente o sentido de *agápe*.

O contexto da comunidade de Corinto, à qual Paulo enviou a primeira carta, era de divisão interna. No capítulo 12, Paulo aborda sobre os carismas. Ao que tudo indica, estes dons espirituais estavam sendo motivo de divisão dentro da comunidade, por inveja ou competição. Faltava-lhes unidade na diversidade. Ao escrever o hino ao amor, no capítulo 13, Paulo teve como motivação de fundo a importância fundamental da solidariedade e da unidade entre os membros da comunidade cristã. Sem isso, a riqueza de dons seria em vão. “Para Paulo, é o amor-ágape que facilita aos membros da Igreja trabalhar juntos para o bem de todos”²². O Apóstolo qualifica o amor, adotando o termo grego *agápe*, destacando a gratuidade nas relações, a exemplo do amor divino²³.

O início do v. 3, a expressão *kan psōmísō pánta ta ypárchontá mou* é traduzida de três diferentes formas. Enquanto a NTLH e a Peregrino não especificam a quem é dado ou repartido os bens, as demais acrescentam destinatários (famintos e pobres). No original, no entanto, não há nem famintos, nem pobres, caracterizando como uma interpretação ou acréscimo dos tradutores. Embora se possa insinuar que os bens sejam dados aos necessitados ou aos pobres, estes termos não aparecem no texto original.

Cada uma das versões traduz o termo grego *chrēstéuetai* (v. 4) com um vocábulo diferente (prestativa, serviçal, bondoso, amável e benigno). Literalmente, o Novo Testamento Interlinear traduz por *bondoso*²⁴. Serão todos sinônimos? De modo parecido, a expressão *pánta stéguei* (v. 7) é traduzida de três formas diferentes (*tudo desculpa, nunca desiste, tudo sofre*). A tradução literal seria *todas as coisas sofre*²⁵. Apenas uma versão se aproxima da tradução literal (Almeida). Certamente estas traduções não literais são tentativas de expressar o sentido original do texto em outra cultura. Porém, não deixam de ser interpretação.

Esta breve reflexão relacionada à tradução da Bíblia, com os exemplos simples que trouxemos, quer nos provocar a perceber as dificuldades e desafios presentes ao se tentar traduzir um texto escrito em outro idioma e num tempo muito distante do nosso. Ainda mais, quando nos deparamos com um texto

22. BÍBLIA. Português. Tradução ecumênica. *A Bíblia TEB*. Nova edição revista e corrigida. São Paulo: Loyola, 1995, p. 1413.

23. Em 2Cor 13,11, podemos traduzir a expressão *agápe tou Theou* por Deus de amor, compreendendo Deus e amor como sinônimos. Daí resulta que “o grande cântico do amor em 1Cor 13 pode se entender não meramente como um capítulo da ética, mas como descrição da totalidade da atividade de Deus”. (COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 119.

24. SCHOLZ, Vilson; BRATCHER, Roberto G. *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004, p. 649.

25. SCHOLZ; BRATCHER, 2004, p. 649.

sagrado, que mexe nas convicções mais profundas de tantos seres humanos. É enorme a responsabilidade de um tradutor, cuja tarefa exige profunda preparação e seriedade.

Ademir Rubini
Av. Getúlio Vargas, 93
Caixa Postal 25
89801-001 Chapecó, SC
e-mail: ademir_rubini@yahoo.com.br

Referências

- ALMEIDA, João Ferreira. *A Bíblia Sagrada*. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Bíblia do peregrino*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica*. São Paulo: Paulus, 2007.
- BÍBLIA. Português. Tradução ecumênica. *A Bíblia TEB*. Nova edição revista e corrigida. São Paulo: Loyola, 1995.
- BROWN, Raymond Edward; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland Edmund. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Academia Cristã, Paulus, 2011.
- COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 2 v.
- GORGULHO, Gilberto; STORNILO, Ivo; ANDERSON, Ana Flora (orgs.). *A Bíblia de Jerusalém*. Nova ed. revista. São Paulo: Paulus, 2000.
- KONINGS, Johan. *A Bíblia, sua origem e sua leitura: introdução ao estudo da Bíblia*. 7. ed. atualizada. Petrópolis: Vozes, 2011.
- NORONHA, Lailah de (trad.). *Manual Bíblico SBB*. 2. ed. revisada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.
- SCHARBERT, Josef. *Introdução à Sagrada Escritura*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.
- SCHOLZ, Vilson; BRATCHER, Roberto G. *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.
- SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Bíblia Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2007.